

TEORIAS SOBRE LEITURA: DOBRAS E DESDOBRAS COMPARTILHADAS POR FREIRE, PROUST E BENJAMIN

Maria Aurora Neta¹

Primeiras dobras: na soleira da porta...

A leitura se faz nas dobras do (im)possível enquanto experiência criativa e reflexiva. Ela desloca, provoca, atíça, revela e esconde. Das suas margens ao centro constrói e desconstrói, daí sua inquietação e nossa inquietação em relação a ela. Sua história tem sido contada a partir de vários pontos de vista, assim, há os que a tomam como uma ação de decodificar as letras postas na superfície da página; há os que a denominam hábito que se deve adquirir e para outros, a leitura é uma prática cultural (CHARTIER, 2001). Como tal, tem uma história construída (e em construção) em conjunto com o desenvolvimento da história da sociedade que necessita ser revisitada para que se possa entender sua importância e valor como objeto da cultura, logo, elemento da formação do homem.

O reconhecimento da leitura como uma prática cultural produz modos outros de significá-la, por isso, ao perceber a potência criadora que ela oportuniza ao leitor muitos autores/as têm se debruçado sobre a leitura e feito dela seu objeto de estudo, bem como elaborado uma visão de mundo a partir dos modos como a sociedade a tem constituído ao longo dos tempos.

Pensar a leitura como objeto da cultura, como elemento histórico que suscita reflexões que dialogam com os diferentes leitores tem motivado ações das mais diferentes ordens, tais como premiações a autores por meio do prêmio Nobel de Literatura e prêmio Jabuti. Mas também, alguns escritores e leitores sofreram censuras e perseguições por conta de suas leituras/escrituras.

Estas ações tanto naquilo que alegam quanto entristecem demonstram a força criativa/criadora da leitura enquanto espaço de formação da pessoa, pois ela porta história, memória, o incontido, aprendizagens objetivas e subjetivas que geram provocações que muitas vezes retiram do leitor o que está posto e põe outras coisas no lugar, movendo-o em busca de outras formas de ver e pensar o mundo. Assim, se para muitos, ao longo do tempo, ela tornou-se representante da liberdade, para outros tornou-se um perigo, “um veneno para a alma” como conta Abreu (1999).

Sua expressividade está entalhada em pinturas, esculturas, murais e podem ser vistas nas cenas imortalizadas por diferentes artistas, como a do jovem Aristóteles lendo um pergaminho; os amantes Paolo e Francesca lendo juntos debaixo de uma árvore; Virgílio de turbante e barba virando as páginas de um volume; são Domingos absorto pela leitura de um livro que segura entre os joelhos e numa floresta, sentado sobre um tronco coberto de musgo, um menino segurando com ambas as mãos um pequeno livro que lê em doce quietude. (MANGUEL, 1997).

Na mesma direção, Chartier (1999) nos remete a alguns caminhos da leitura e memória de leitores, e por meio de imagens revela pessoas, tempos e lugares onde a leitura fez morada. Assim, apresenta uma tela de Alexandre Humboldt feita por Ernest Hildebrandt em 1856. Nessa o pintor retrata o geógrafo e naturalista no espaço fechado do gabinete de trabalho e nas paredes podem ser vistos os instrumentos que asseguram o conhecimento do mundo: os livros, os mapas, o globo. Além da pintura e da escultura podemos encontrar a leitura protagonizando

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: maroranetav@hotmail.com.

produções cinematográficas, como os filmes *O carteiro e o Poeta* (1994), *o Leitor* (2009), *A menina que roubava livros* (2014) e o inesquecível *Fahrenheit* (1966).

Leitura, livros, telas, telões, esculturas, espaços de constituição da memória e da história. Imagens-textos imortalizadas para que não se percam nas trilhas do esquecimento, mas que necessitam ser ressignificadas dentro do constante processo de formação que o homem/leitor está inserido e caminhando... das margens ao centro.

Segundas dobradas: sentidos, encontros e partilhas

Consideremos a frequência com que a leitura mudou no curso da história, a leitura que Lutero fez de Paulo, a leitura que Marx fez de Hegel, a leitura que Mao fez de Marx, bem como o que veio depois dessas leituras. Nessa direção, Certeau (1994, p. 270) fala deste movimento da leitura: “com efeito, a leitura não tem lugar: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o telespectador lê a paisagem de sua infância na reportagem da atualidade”. Enfim, a leitura nunca é a mesma porque nossa ânsia de saber, de dar sentidos às coisas também nunca se dá de forma igual e essas variadas maneiras de ler mostram o que estudiosos do tema como Darnton (1992, p. 212) confirmam:

A leitura não se desenvolveu em uma só direção. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos do seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir.

Essas palavras possibilitam reafirmar que a história da leitura e da formação do leitor tem sido elaborada em meio a dobradas e rupturas. E nessas podemos encontrar também alguns dos conceitos que lhe foram/são dados, como ato de decodificar, decifração, hábito que se deve adquirir, prática social e cultural. Para Walter Benjamin “uma tarefa infinita”, conforme diz Lages (1999).

Em meio a tantos conceitos, ela já foi considerada um “veneno para a alma” e causadora de males terríveis à saúde, como diz Tissot (apud ABREU, 1999, p. 10), “a leitura oferece perigo para a saúde, pois o esforço continuado de inteligência de um texto prejudica os olhos, os cérebros, os nervos e o estômago”. E adverte:

Os inconvenientes dos livros frívolos são de fazer perder e fatigar a vista; mas aqueles que, pela força e ligação de ideias, elevam a alma para fora dela mesma, e a forçam a meditar, usam o espírito e esgotam o corpo; e quanto mais este prazer for vivo e prolongado, mas as consequências são funestas. [...] O cérebro que é, se me permitem a comparação, o teatro da guerra, os nervos que dele retiram sua origem, e o estômago que tem muitos nervos bastante sensíveis são as partes que mais sofrem ordinariamente com o trabalho excessivo do espírito; mas não há quase nenhuma que não se ressinta se a causa continua a agir durante muito tempo. (TISSOT apud ABREU, 1999, p. 10).

Podemos perceber nessas “advertências” a tentativa de controlar a leitura e o leitor. Isto é, controlar o que o leitor pode vir a pensar a partir do que lê. Atitude que revela o poder existente nesta prática e que, por isso, precisa ser vigiada. Desse modo, as diferentes concepções que vêm sendo construídas acerca da leitura têm influenciado os modos de percebê-la e o

surgimento de outras formas de fazer referência a ela, bem como a necessidade de ofertar-lhe novos espaços de efetivação.

Assim, ver, sentir, perceber e refletir sobre a leitura em meio as suas inúmeras dobras é o que fizeram Paulo Freire, Marcel Proust e Walter Benjamin. Três leitores/escritores que, a partir de suas percepções e histórias de leitura, construíram fundamentos teóricos para uma melhor compreensão do que é o ato de ler.

Paulo Freire: a leitura da palavramundo

Nos caminhos desta construção histórica que é a leitura, encontramos vários autores/escritores que a definem evidenciando suas especificidades, seu lugar social e cultural. Entre estes temos Paulo Freire (2005) que, antecipando muito do que pensamos hoje sobre esta prática, a partir do que há disponível sobre ela, diz que a leitura é o que é porque é um “ato que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Ideia que se relaciona ao pensamento de Chartier (2001, p. 231) quando fala que a “leitura é uma prática cultural”.

Por sua história e alcance, a leitura encontra-se praticamente em todos os espaços, quer formais quer informais. Por isso, se lê a palavra falada, a escrita, as imagens, os símbolos, os gestos, os ícones, as cores, a pintura, a escultura, a arquitetura, a dança e as artes cênicas em diferentes espaços. E, com relação aos vários sentidos que são atribuídos à leitura, já ouvimos expressões como: “ler a mão”, “ler o olhar”, “ler o tempo”, então, não é possível enquadrá-la em um só lugar ou num só objeto.

Entrecruzada ao desenvolvimento do homem, a leitura se insere na história tanto deste como da realidade na qual se constitui, por isso é necessário entendê-la dentro deste movimento. Com isso, se a sociedade tem se formado num cenário de contradições e tecida no âmbito dos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que a delineiam, a leitura também, e nas devidas proporções, responde a essa realidade. Assim, quanto falamos em sentidos da leitura, dentro de um percurso histórico, estamos refletindo sobre as diversas formas de percebê-la e conceituá-la.

É para o meio dessas concepções que trazemos os olhares, as vozes e os sentidos da leitura de três leitores/escritores que têm sido referências para outros leitores/escritores. O modo como a leitura chega a eles e como se colocam diante dela ou, ainda, a relação que com ela estabelecem revela a forma como cada um a significou e dela fez uma “teoria” para ler o mundo ao se inscreverem e se posicionarem no processo de instauração da leitura.

Assim, temos o leitor/educador Paulo Freire que ao rememorar passagens de sua história de leitura, fica evidente o processo de (re) criação que vivencia em relação às leituras que faz. Logo de início ele fala: “a compreensão do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 2005, p. 11). Esse pensamento indica que este leitor enxerga o ato de ler para além da materialidade e esse “além” está na faculdade mimética que nos faculta produzir sentidos à realidade mediados pelo que nossa percepção pode captar e transformar em termos de compreensão do mundo.

Noutros momentos dessa história, o processo de ressignificação do olhar frente à leitura aparece, inclusive, desde as experiências da infância, da adolescência, da sua mocidade e se estende até a vida adulta. Suas palavras são reveladoras e no encantamento da memória (re) cria e (re) vive,

Ao ir escrevendo este texto, ia tomando distância dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que movia; depois, a leitura da palavra

que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória –, me é absolutamente significativa. (FREIRE, 2005, p. 12)

Leitura, realidade, sensibilidade, mundo e escrita, universos que se entrelaçam às leituras de Freire e em sua história de vida também. Esse movimento que realiza no ato de ler constitui o que faz dividir os espaços da casa e do jardim com a leitura e integrá-los ao processo de significação por ele construído. Na velha casa, nos quartos, no corredor, no sótão ou no terraço, o leitor Paulo Freire vai se fazendo, pois nesses lugares engatinhou, se colocou de pé, andou, falou e leu:

Na verdade, aquele mundo especial se dava em mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 2005, p. 12)

É visível que a compreensão do ato de ler em Freire encarna-se na “união que promove entre a percepção, a razão, a sensibilidade e na crença de que a imaginação, a intuição, a emoção e outros afetos possam ser igualmente faculdades de criação. União que o leva à certeza de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2005, p. 11). Em outras palavras, a leitura e a compreensão que dela advém está *entre*. Entre o que nos dá a conhecer o mundo, com isso compondo um espaço de significação onde imaginação, curiosidade e realidade se prendem dinamicamente.

Os textos e as palavras encarnaram-se de tal forma ao contexto da vida desse leitor que ele as via e as ouvia também no canto dos pássaros, nas árvores, no assobio do vento, nas nuvens, no cheiro das flores, na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos e se estenderam para o seu mundo imediato, conforme narra:

Daquele contexto – o meu mundo imediato – fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar. (FREIRE, 2005, p. 14).

A palavra dos mais velhos vai fortalecendo no menino a vontade de compreender o que estava além daquelas palavras e sua curiosidade somada ao aprendizado com os pais o conduz rumo à leitura da palavra – agora escrita. Para ele, a “decifração” da palavra “fluía naturalmente”, pois fazia da leitura do seu mundo particular suporte para a leitura da palavra, uma vez que um nunca se separou do outro.

Sobre o seu encontro com a escrita fala: “fui alfabetizado – ali mesmo – no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz” (FREIRE, 2005, p. 15). Nesse contexto, no processo de alfabetização formal que veio a seguir, não ocorreu um rompimento entre o que ele já sabia e os aprendizados que agora iam sendo formalizados. História de vida e história social, presente e passado no *continuum* da leitura do leitor Paulo.

O que esse leitor dá a conhecer de suas histórias nos motiva a reconhecer que seu apreço à leitura, o reconhecimento de seu valor cultural e de sua força social se fortaleceram à medida que se tornava adulto e foi assim que o menino leitor se transformou no professor/leitor Paulo Freire. Professor que não reduziu o ensino e o aprendizado da regência verbal, da sintaxe de concordância, do problema da crase, do sinclitismo pronominal e os textos a tabletes de conhecimentos que “devessem ser engolidos pelos estudantes”. Nem foi solicitava aos estudantes que “aplicassem” o que aprendiam, ao contrário, era proposto

À curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Pois, só apreendendo-a seriam capazes de saber. (FREIRE, 2005, p. 17)

As leituras e o modo de olhar para elas que os pais, a sua professora alfabetizadora Eunice, o professor de português do ginásio José Pessoa construíram em Freire foram determinantes para que ele se tornasse o leitor, o professor, o homem consciente, engajado e sensível que foi. O artífice que movimentou a educação a pensar novos caminhos ao incentivar a importância de entrelaçar razão e sensibilidade no processo de formação da pessoa.

Proust: a leitura é uma amizade

A memória de algumas veredas da história de leitura de Proust oferece elementos para entender como ele se relacionava com a leitura e como essa prática marcou sua vida. O que ele conta de suas leituras nos permite visualizar, já na infância, o encantamento pelos livros e pelas histórias que lia, as quais vão compondo a trajetória de alguém que não se cansa de ler, de buscar espaços dentro e fora de casa para se encontrar com os livros. Alguém que não se detém e sobe escadas para encontrar um lugar “mais silencioso” para ler sem ser interrompido; vai para o jardim, para a cozinha e até debaixo das cobertas encontra-se com a leitura.

E, nas palavras surgidas das memórias de sua meninice leitora, podemos perceber o que a leitura significa para este leitor:

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou mudar de lugar [...]. Tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências, ela as gravava, contudo em nós, como uma lembrança tão doce que se nos acontece ainda hoje folhearmos esses livros de outrora, já não é senão como simples calendários que guardamos dos dias perdidos, com a esperança de ver refletidas sobre as páginas as habitações e os lagos que não existem mais. (PROUST, 2003, p. 09-10).

Estes pensamentos traduzem o alto valor que Proust confere à leitura, o qual está no reconhecimento do que ela porta como objeto cultural que não se reduz no visível da palavra escrita. Pois, além do apreensível, está o inapreensível, o encantamento, as fisuras. E mais, o objeto que conserva - lugar de memória. Uma memória que não apenas guarda, mas faz entender que as coisas que passaram já não podem ser vistas como “simples calendários”, pois

no processo de rememoração o que foi guardado é ressignificado pela memória de quem recorda. Nas palavras de Benjamin (1994, p. 37), “o mais importante para o autor/leitor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração”. Ideia evidente nas memórias de leitura de Proust

Em meio às memórias, Proust diz: “Quem, como eu, não se lembra dessas leituras feitas nas férias”? A pergunta nos leva a pensar que possivelmente é na infância desse menino que dispensava brincadeiras e que aproveitava quando todos tinham ido fazer um passeio para se acomodar na sala de jantar e ler, que nasce o leitor/escritor Proust. Leitor que se debruça em cima dos livros, que faz deles sua fonte de encontro com o conhecimento e com a imaginação; que espera em agonia terminar as refeições para que retorne imediatamente à leitura que fora interrompida “ao meio-dia quando os pais pronunciavam as palavras fatais: venha, feche o livro, vamos almoçar” (PROUST, 2003, p. 12).

É nesses entremeios que a história de leitura de Proust vai se constituindo. Ela vai se desenrolando em meio aos espaços e objetos da casa, como se pode ver pela seguinte passagem por ele relatada:

De manhã, voltando do parque, quando todos tinham ido fazer um passeio, eu me metia na sala de jantar [...] onde não teria como companheiros de leitura mais do que os pratos coloridos pendendo nas paredes, o calendário cuja folha da véspera havia sido há pouco arrancada, o pêndulo e o fogo que falam sem pudor que se lhes responda, e cujos suaves propósitos vazios de sentido não substituem – como as palavras dos homens – o sentido das palavras que se leem. (PROUST, 2003, p. 10).

Na busca pelo “sentido das palavras que se leem”, curiosidade, imaginação e criatividade entram como elementos constitutivos do movimento criado por Proust no ato de ler. Assim, a leitura para ele não se reduz a “passar os olhos”, mas em abri-los para o sentir e o refletir que passa pela palavra, porém nela não se fixa. Este é Proust: um leitor incansável, que está sempre à procura. Por isso busca a todo instante e de cômodo em cômodo um lugar para ler e os diversos lugares da casa se tornam para ele recantos de leitura.

É ainda na sua inquietude de leitor que logo depois do almoço “retornava imediatamente à leitura”. Não hesitava em subir a escadinha de pequenos degraus e chegar imediatamente ao seu quarto para dar continuidade ao seu texto. Sua fascinação pela leitura rendia-lhe proibições as quais, muitas vezes, não obedecia. Disso conta que,

Não fazia muito tempo que lia no quarto e já era preciso ir ao parque, a um quilômetro da vila. Mas após o jogo obrigatório, eu abreviava o fim da merenda trazida em cestos e distribuída às crianças às margens do rio, sobre a relva onde o livro tinha sido posto ainda com a proibição de que fosse retomado. (PROUST, 2003, p. 20).

Proibição. Palavra que acompanhou a leitura por várias vezes no decorrer de sua história. Ela já foi proibida por governantes, por médicos e pela igreja. E foi esta última que levou para a fogueira livros (leituras) considerados perigosos ou perniciosos que levariam as pessoas a desviarem suas consciências. Provavelmente essa ideia estivesse presente na cabeça da mãe do menino Proust quando o proibia de ler. Contudo, mesmo sob o risco de ser descoberto, o desejo de ler era maior, por isso não se intimidava. Arriscando-se fazia da leitura sua grande aventura, sua grande companheira.

Algumas vezes, em casa, no meu leito, muito tempo depois do jantar, as últimas horas da noite, antes de adormecer, abrigavam também minha leitura, mas isso somente nos dias em que eu chegava aos últimos capítulos de um livro, que não faltava muito para chegar ao fim. Então, arriscando ser punido se fosse descoberto e ter insônia que, terminado o livro, se prolongava, às vezes, a noite inteira, eu reacendia a vela, assim que meus pais iam deitar [...]. (PROUST, 2003, p. 22).

A narrativa de Proust nos remete à visão de alguém que corre os olhos a espera de que o livro continue e se possível aponte respostas, mas o que ele faz é suscitar desejos e aguçar perguntas. É criar. É convidar o leitor a arriscar-se. É suscitar desejos, fazer perguntas, contemplar a beleza que a leitura nos permite ver; é levar o leitor a construir sua própria verdade e saber que há ainda um mundo a ser descoberto, apreendido.

Com isso, podemos dizer que em Proust a leitura está *entre* o que o autor propõe e o que nós fazemos com o que ele está propondo e que se encontra na incompletude. Assim, o confronto que se desencadeia não está na ordem do visível, embora passe por ele, mas na ordem do estranhamento que torna-se fonte de criação.

Enfim, a leitura para Proust constrói um movimento que põe em contato pessoas, lugares, histórias que uma vez terminadas continuam porque se estendem para além do lugar em que se encontram. E foi assim quando Proust leu Ruskin, *O Capitão Fracasso* de Théophile Gautier; *A Odisséia* de Homero, Shakespeare, Saintine, Sófocles, Eurípedes, Silvio Pellico, Cândido de Voltaire, Caim de Byron, os versos de Plutarco e muitas outras obras. Livros que lia caminhando, batendo os pés, correndo pelos caminhos cada vez que os fechava na exaltação da leitura concluída. Leituras que fizeram Proust ser quem é e descobrir nessa trajetória que a “leitura é uma amizade”.

Walter Benjamin: a leitura é uma tarefa

Nas lembranças de sua infância em Berlim, Benjamin traz passagens da sua relação com a leitura, de como atribuía sentidos a esta prática e como se constituiu leitor a partir do contato com os livros.

No livro *Rua de mão única* (2012), ele conta muitas histórias e aventuras dos tempos de menino e de sua juventude berlinense. São memórias retidas ou “reminiscências” que deixam entrever muito do que se tornou o homem Walter. E de dentro do colégio onde estudava vai revelando o que é para ele a leitura.

Em suas palavras, “fossem os livros agradáveis ou medonhos, aborrecidos ou excitantes – nada podia aumentar ou diminuir-lhes o encanto. Pois este não dependia do conteúdo, mas sim do fato de me garantirem um quarto de hora que tornasse mais tolerável toda a miséria da monotonia das aulas” (BENJAMIN, 2012, p. 117). Nesta passagem, vê-se que a leitura para Benjamin torna-se “um encantamento”, uma forma de “retirá-lo” daquele mundo monótono e sem encanto que a escola lhe oferecia, por isso estava sempre às voltas buscando livros e lugares para ler.

Nessa busca ele encontrava na biblioteca do colégio um espaço onde podia tomar emprestado seus livros prediletos – os que podia escolher. E estes eram os seus favoritos porque nas séries anteriores eles eram escolhidos e repartidos pelo professor. No entanto, mesmo não podendo escolher, naquele momento, suas leituras, as que lhe chegavam às mãos ele “devorava” e à medida que lia enveredava pelos caminhos daquelas histórias as quais se misturam às leituras que já havia feito do mundo ao seu redor.

O livro estava sobre a mesa que era alta demais. Enquanto lia, tapava os ouvidos. Já ouvira outras narrações em tamanha quietude. Às vezes, no inverno, quando se postava frente da janela de meu quarto aquecido, lá fora o turbilhão da neve igualmente me contava coisas em silêncio. [...] o novo já se imiscuía ao velho de um modo muito denso e incessante. Eis que agora chegara o momento de acompanhar no torvelinho das letras as histórias que à janela me haviam escapado. Os países longínquos que nelas encontrava brincavam entre si tão intimamente quanto os flocos de neve. E porque o distante, quando neva, já não nos conduz ao desconhecido, mas sim ao nosso íntimo, achavam-se dentro de mim a Babilônia e Bagdá, Acra e o Alasca, Tromsø e Transvaal. A suave atmosfera desses livros, que perpassava aquelas paragens, cativava meu coração, que se mantinha fiel àqueles tomos tão manuseados. (BENJAMIN, 2012, p. 114).

Do que esse leitor narra, é possível entender que sua formação vai se efetivando por meio do traçado que une as leituras que faz: a sensibilidade e a imaginação que nascem nas linhas da escrita. Traços que vão sendo ressignificados entre as leituras do mundo ao seu redor, as que eram repartidas pelos professores e as que escolhia. Nesse mesmo sentido, conta de sua felicidade quando podia ter para ler os livros repartidos no intervalo da aula. Estes sim traziam-lhe encantamento. Sobre isso Benjamin (2012, p. 115) fala:

Quanta diferença entre seu mundo e os dos compêndios escolares, onde, em histórias isoladas, tinha de me aquartelar durante dias e mesmo semanas em quartéis que, no portão de entrada, ainda antes da inscrição, exibiam um número. Pior eram as casam atas dos poemas pátrios, onde cada verso equivalia a uma cela. Quão suave e mediterrâneo era o ar trépido que soprava daqueles livros distribuídos no intervalo!. Era o ar no qual a Catedral de São Estevão acenava aos turcos que sitiavam Viena, o ar no qual bailavam sobre o Rio Berezina flocos de neve e lívidos clarões profetizavam os últimos dias de Pompéia.

Suas palavras impregnadas de sensibilidade dão a clara noção da diferença desses momentos com os outros em que é preciso ler os livros indicados pelo professor, os livros que a escola impõe. E quando fala sobre isso põe em cena a diferença que para ele existe entre o mundo que a leitura oferece ao leitor quando ela vem dialogar com ele por meio da sua escolha daquele que vem escolhido: uma leitura que interdita no leitor o desejo, a curiosidade, a imaginação porque imprime nela a racionalidade da palavra.

É, pois, da sua condição de leitor astuto e criativo que não se deixa conduzir deliberadamente, que condena a atitude dos que tentam conduzir suas escolhas de leituras e por isso diz: “E que enorme frustração em seu ofício de pobre diabo, quando já há muito tempo eu me encontrava num tapete mágico a caminho da tenda do último dos moicanos ou do acampamento de Konradin vom Staufen”.(BENJAMIN, 2012, p. 117).“Naquele tapete o professor já não o alcança. Ele está “voando”.

A partir das lembranças da infância e da juventude leitora de Benjamin, percebe-se que a leitura para ele é uma possibilidade que o homem tem de aprender e de apreender o mundo que o rodeia pelo que ela traz e pelo que ela sugere. A leitura é uma tarefa de infinitas possibilidades e o leitor aquele que busca conhecer muito mais que aquilo que lhe dão a conhecer porque sabe que há muito mais para ser visto, descoberto, escavado e sentido. Alguém que sobe no tapete mágico e vai ao encontro de outras leituras e outros leitores porque se lança, vasculha e vai retirando as camadas postas sobre a superfície das linhas. Nessa leitura encontra outras palavras,

outras vozes, outros sentidos. Esta atitude traz o entendimento de que estes leitores percebem o texto/a leitura à maneira de um palimpsesto, daí ser necessária sua “escavação”: Leitura-tarefa.

Referências

ABREU, M. Prefácio: Percursos da Leitura. In: _____. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas (volume I).

_____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2012. Obras escolhidas (volume II), p. 73-143.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 250-270.

CHARTIER, R. **A Aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **Práticas da leitura**. 2. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 199-236.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

LAGES, S. K. Alegoria da leitura, figuras da melancolia: “a tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin. In: _____. Seligmann-Silva. (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999, p. 47-60.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.